HUDINILSON JR

CORPOCOMOPÇÃO

Hudinilson não fotografa. Fotocopia. Interage com uma máquina xerográfica, ao mesmo tempo "veículo e co-autora", como se fosse uma amante. Ou um médico legista (auto-análise metódica). Em *Narciso* examina o próprio corpo à exaustão. No *Exercício de me ver*, voragem do olhar, não o encontramos inteiro. Ironia na metonímia: a parte é maior que o todo. Um corpo seu. Um corpo meu. O olhar percorrendo a pele, a carne sobrecarregada de sentido. Em todos os textos e imagens, a delicadeza do menino caprichoso. Poesia.

(O que o artista vê? O que o espectador faz?). Percorrer as páginas dos diários visuais de Hudinilson é assim como olhar pelo buraco da fechadura. Somos tragados pela volúpia da imagem. Associações de idéias, turbilhão. Imagens de homens, mulheres, coisas, lugares. De uma maneira, por assim dizer, warburguiana, as idéias do artista estão todas ali (nas imagens; na associação entre elas).

Formas das mais distintas origens podem se assemelhar, podem se completar, podem sugerir relações inusitadas. Redes concretas de objetos heterogêneos são unificados pelo olhar e pelo gesto do artista. Por associação, conectamos as bordas dessas imagens/objetos e construímos sentidos. Potência.

Livro de artista feito pela agregação de imagens disseminadas pelos meios de comunicação de massa, pela seleção de coisas que agradam aos olhos e prometem prazeres, pelo desdobramento de idéias, pela subversão do acaso, pela revelação, sem censura, de todos os desejos. Montagem como poética e linguagem.

Um pouco de história: no final dos anos setenta e início dos oitenta vivia-se, no Brasil, uma fase de distensão política, que anunciava a retomada da democracia, depois de longos anos sob regime militar-ditatorial. Nas artes visuais, era tempo de experimentações de novos suportes e linguagens, e de negação dos métodos tradicionais de fabricação de imagens.

Os princípios da arte conceitual já se tinham tornado conhecidos em certos meios artísticos que mantinham contato com os principais núcleos de produção internacional. A associação entre linguagem verbal e visual, iniciada com a poesia concreta dos anos cinquenta, tornava-se central no trabalho de alguns artistas (vide o caso do espanhol radicado no Brasil, Júlio Plaza).

O formalismo concretista e mesmo neoconcretista cedia lugar a obras com conteúdo crítico, de cunho político ou comportamental. As apropriações de imagens do mundo capitalista, iniciadas pela Pop Art tinham produzido, em terras tropicais, uma versão muito mais debochada, ácida e provocativa do que as vertentes norte-americana e inglesa. Ainda se estavam absorvendo as propostas espaciais e sensoriais de Hélio Oiticica e Lygia Clark.

O enfoque sobre as experiências físicas colocava o corpo (e todas suas possibilidades) no centro das atenções, não só nas artes plásticas, mas também na dança e no teatro. Nesse contexto, o trabalho de Hudinilson Jr. despontava na capital paulista como um libelo pela liberdade de opções, fossem elas políticas, estéticas ou sexuais.

Um pouco de diferença: o jovem poeta, de corpo atlético e vasta cabeleira, foi um dos pioneiros, no Brasil, no uso de recursos mecânicos (como máquinas fotocopiadoras) para produção de imagens de grande força visual. Explorando ao máximo os recursos do meio que utilizava, obtinha resultados altamente expressivos. Desde seus primeiros álbuns, datados dos anos setenta, já recorria ao uso de formas surgidas a partir de partes de seu próprio corpo. A exuberância das formas musculosas e a profusão dos pelos davam a perceber um corpo masculino e viril. Mas o contato íntimo do corpo com a máquina, e a relação de total entrega às sensações físicas também colocavam em questão a sua condição sexual de homem/mulher. Homemulher. Nem homem nem mulher. Ou ambos. Pessoa.

A sinceridade de uma pessoa só, um artista outsider contra a hipocrisia social. Para além do exercício masturbatório e exibicionista, a ênfase do trabalho recaía sobre o prazer da descoberta do corpo, sobre o ato de desvencilhar-se dos medos e dos tabus, dos preconceitos e das determinações morais e religiosas.

Uma última questão: por que trazer Hudinilson Jr. à baila, depois de findo e exaurido o século dos mais malditos dentre os malditos, e quando as artes visuais parecem ter recuperado a saúde dos pulmões, e os bons hábitos/hálitos?

Primeiro, porque a produção de Hudinilson nos auxilia a perceber a diferença entre pureza e ingenuidade. Seu trabalho é de uma pureza brutal, sem concessões ao ingênuo ou ao espetacular. Segundo, para recordar um tempo em que não éramos tão pragmáticos. Apenas mais alegres, confiantes e produtivos. Como dizia Lacan, "antes do visto há o dado-a-ver".

Ana Albani de Carvalho e Neiva Bohns

HUDINILSON JR
07/04 a 01/08/2008
Segunda a sexta-feira, das 14h às 18h
Entrada franca

Curadoria
Ana Albani de Carvalho
Neiva Bohns

Produção: Nonô Joris e Luisa Kiefer Montagem: Patricio Farías

fundação vera chaves barcellos

Espaço 0 / Rua dos Andradas, 1444 sala 29 CEP 90020-010
Porto Alegre-RS-Brasil Fone: 0xx51 3228 1445
www.fvcb.com / info@fvcb.com